



O resgate da memória do Grupo Semba a partir do Acervo Oliveira Silveira

Jornal da Universidade / 28 de março de 2024 / Artigo

Artigo | Estudante de Arquivologia, Daiane Maciel Matias destaca a importância do relato oral de Naiara Silveira, filha do ativista, para humanizar os eventos históricos e tornar mais completo o conhecimento sobre o coletivo negro

*Por Daiane Maciel Matias

*Ilustração: Maria Eduarda Pacheco Fernandes/ Programa de Extensão Histórias e Práticas Artísticas, DAV-IAUFRGS

A disciplina de História, desde sua origem até uma parte considerável do século XX, escreveu sobre o que o Estado, a modernidade capitalista, os poderes coloniais e as elites nacionais precisavam para legitimar e estabelecer sua dominação. Adicionalmente, desenvolveu uma “política de esquecimento” da história dos povos considerados “subalternos”, negando-lhes a condição de sujeitos históricos.

Ao humanizar a história, as narrativas orais interligam as pessoas ao passado de uma maneira tangível e acessível, criando empatia e compreensão, permitindo conectar as gerações presentes e futuras com o passado de uma maneira que os livros didáticos muitas vezes não conseguem alcançar. Tudo isso contrasta com a abordagem formal e muitas vezes institucionalizada dos documentos escritos, proporcionando uma visão mais completa e precisa dos eventos históricos.

Relatos contados por testemunhas oculares preenchem lacunas nos registros históricos formais, corrigindo distorções e incompletudes. Essas narrativas complementam e enriquecem as fontes documentais, oferecendo uma perspectiva holística dos eventos e das personalidades que marcaram época.

A história oral, fundamentada com pesquisas e documentos, traz valiosas contribuições para o resgate da memória. Partindo dessa premissa, entende-se que a história oral é considerada como fonte identitária de um povo, capaz de retratar as realidades, as vivências, e o modo de vida de uma comunidade em cada tempo e nas mais variadas sociabilidades.

A pesquisa voltada para o acervo do escritor afro-gaúcho Oliveira Ferreira da Silveira, mais precisamente para o conjunto de documentos denominado Grupo Semba, criado em Porto Alegre (RS) por Oliveira e sua filha Naiara Silveira Lacerda, nos revela a possibilidade de criarmos conexão entre a trajetória dos documentos produzidos durante o período de existência do grupo e amplificar seu sentido a partir do depoimento de Naiara, enquanto componente ativa do Semba.

O Semba foi criado em 1979, destacando-se entre os coletivos responsáveis pela congruência e representatividade do povo negro naquela época. Tinha como objetivo difundir a cultura negra em solo gaúcho.

Em muitos documentos encontrados no acervo de Oliveira Silveira, dentro do conjunto que compõe o Semba, é apontado que o grupo era alicerçado na pesquisa e concentrava-se nas expressões artísticas afrodescendentes em níveis nacional e internacional. Temas africanos e afro-brasileiros convergem com poemas de autores negros, incorporando diversas formas artísticas como dança, música, literatura, samba de roda da Bahia, jongo da região sudeste do país, lundu antigo e semba de Angola.

Segundo Naiara, membro do grupo e filha do escritor: “É importante enfatizar que quando é citado que o grupo é alicerçado na pesquisa, cada dança, cada apresentação, o grupo sabia muito bem o que estava fazendo, o que estava representando, o pai dava este suporte para nós, no sentido de onde era originária aquela dança, aquele ritmo, como é cantado, como se dança; os meninos tocavam e eles sabiam o que estavam tocando, ninguém dançava por dançar, ou cantar por cantar, tudo era muito embasado. Apesar de serem jovens, tinha-se todo um respeito pela dança dos orixás, uma reverência”.

Observa-se que, além de ser um fato ou versão histórica, memórias individuais, como todas as lembranças sobre a trajetória do grupo, inclusive a recordação dos ensinamentos transmitidos pelo pai, tornam-se elementos fundamentais que contribuem para o senso de união e coletividade do grupo.

Assim, a história contada por pessoas que vivenciaram determinados acontecimentos é crucial para uma compreensão autêntica e inclusiva. Ela preserva a diversidade, humaniza os eventos históricos e contribui para uma narrativa mais rica e completa.

Naiara acrescenta que o Semba não tinha sede própria, os encontros eram realizados em espaços cedidos temporariamente, como nos autos do Mercado Público, antes mesmo da reforma realizada no local, e na Escola Júlio Grau, localizada no bairro Santa Maria Goretti em Porto Alegre. Oliveira costumava formalizar os pedidos de cedência de espaço, mesmo quando não havia necessidade, o que identifica a seriedade e o respeito no tratamento com os indivíduos e na forma como ele conduzia os projetos.

No final da década de 1980, o Semba ocupou as dependências do Hotel Majestic, fazendo uso do local para realização de ensaios, em meio aos destroços ocasionados pela obra durante o período de transição. Oliveira ficou sabendo através do secretário de cultura da época que o hotel se transformaria em uma Casa de Cultura, e segundo ele era necessário começar a ocupar o espaço, mesmo que este ainda não estivesse pronto. Era preciso se fazer presente para que, futuramente, o grupo tivesse acesso àquele lugar, se referindo ao local como “Nosso espaço”. E de fato, posteriormente, a Casa de Cultura de Porto Alegre, famigerado Centro Cultural, passou a ser um dos sites de apresentações do trabalho realizado pelo Semba.

Oliveira costumava fazer divulgações do trabalho realizado pelo Semba por meio de materiais impressos que ele mesmo produzia. No acervo do escritor, é possível encontrar esses registros. Costumava ser avistado com frequência na esquina da Avenida Borges de Medeiros em Porto Alegre, entregando folhetos e convidando pessoas a se juntarem ao grupo.

Para além do complemento de informações, neste contexto a história oral permite que a sociedade tenha voz, pois através dos relatos orais as histórias de comunidades, grupos étnicos, mulheres, e outros setores muitas vezes negligenciados ganham destaque, enriquecendo a compreensão da História com diversas perspectivas.

Portanto, através desta pesquisa foi possível compreender a História oral como um meio importante para dar voz à sociedade, preservar tradições culturais e humanizar a narrativa histórica, proporcionando uma compreensão mais completa e autêntica do passado. Além disso, enfatiza a importância da obra de Oliveira Silveira e do grupo Semba como um legado significativo na preservação da diversidade e riqueza cultural, incentivando pesquisas futuras sobre a oralidade somada à vida e à obra do escritor.

Daiane Maciel Matias é estudante do Curso de Arquivologia.

O trabalho de conclusão de curso que deu origem a este artigo foi orientado por [Valéria Raquel Bertotti](#).

As manifestações expressas neste veículo não representam obrigatoriamente o posicionamento da UFRGS como um todo.

ÚLTIMAS



Carta aos leitores | 20.06.24



Em tempos de crise, comunidade acadêmica da UFRGS propõe ações para auxiliar estudantes e servidores afetados pelas enchentes



Edni Schroeder e a Universidade além dos muros



Cozinhas solidárias e o inadiável na cidade



A nova rotulagem de alimentos no ensino básico



Rap, rudos e risos: a comunidade afetiva da EPA no enfrentamento à crise



Desafios e Perspectivas nos 10 anos de Licenciatura em Educação do Campo na UFRGS



Carta aos leitores | 13.06.24



Conhecimento do português proporciona acolhimento para imigrantes que vivem no Brasil

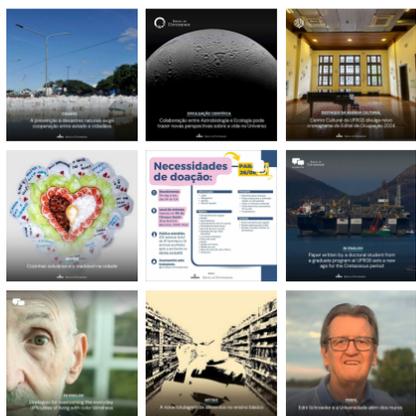


Movimento de plataformação do trabalho docente

INSTAGRAM

Jornaldauniversidadeufrgs
@jornaldauniversidadeufrgs

Follow



[View on Instagram](#)

REALIZAÇÃO

JORNAL DA
UNIVERSIDADE

UFRGS
SECOM

UFRGS

CONTATO

Jornal da Universidade
Secretaria de Comunicação Social/UFRGS

Av. Paulo Gama, 110 | Reitoria - 8.andar | Câmpus Centro |
Bairro Farroupilha | Porto Alegre | Rio Grande do Sul | CEP:
90040-060

(51) 3308.3368

jornal@ufrgs.br